

Grifes arquitetônicas no século XXI

Caracterização do *star system* contemporâneo

Lorena Petrovich Pereira de Carvalho*

Resumo Inserindo-se nos estudos acerca da arquitetura icônica contemporânea este artigo visa discutir dados levantados sobre arquitetos responsáveis pela mesma, a fim de auxiliar na compreensão das relações entre o grupo e o contexto no qual desenvolvem suas atividades. Para tanto, baseia-se na análise das experiências de 50 nomes da arquitetura contemporânea, correspondentes a 37 escritórios, para os quais foram investigados aspectos da formação acadêmica e da atuação profissional, bem como da participação em concursos de projetos e da aquisição de importantes prêmios na área de arquitetura.

Palavras-chave: arquitetura icônica contemporânea, escritórios, caracterização.

Architectural brands in 21st century. Characterization of the contemporary star system

Abstract Inserting itself in studies of contemporary iconic architecture this paper discusses data collected on architects responsible for it, in order to assist in understanding the relationship between the group and the context in which they develop their activities. To do so, it is based on the analysis of the experiences of 50 names of contemporary architecture, corresponding to 37 offices, for which aspects of academic training and professional activity were investigated, as well as participation in project competitions and the acquisition of important prizes in the area of architecture.

Keywords: contemporary iconic architecture, offices, characterization.

Grifes arquitectónicos en el siglo XXI. Caracterización del *star system* contemporáneo

Resumen Insertándose en los estudios acerca de la arquitectura icónica contemporánea este artículo apunta a discutir datos recogidos sobre los arquitectos responsables por ella, a fin de auxiliar en la comprensión de las relaciones entre el grupo y el contexto en el que desarrollan sus actividades. Para ello, se basa en el análisis de las experiencias de 50 nombres de la arquitectura contemporánea, correspondientes a 37 oficinas, para las cuales se investigaron aspectos de la formación académica y de la actuación profesional, así como de la participación en concursos de proyectos y de la adquisición de importantes premios en el área de arquitectura.

Palabras clave: arquitectura icónica contemporánea, oficinas, caracterización.

— **O** estudo acerca da arquitetura contemporânea, não raro, nos direciona ao conhecimento do trabalho desempenhado por um grupo de profissionais cuja produção repercute fortemente ao redor do mundo, tornando-se referência no que diz respeito ao momento vivenciado pela disciplina entre o final do século XX e os dias atuais. Abordamos aqui, especificamente, o nicho descrito pela literatura segundo os termos *icônico*, *espetacular* ou *de grife*, consolidado sob a influência de dois acontecimentos da segunda metade do século passado, que concederam nova atribuição aos artefatos arquitetônicos à medida em que os vincularam às diretrizes de um mercado norteado pela cultura do consumo.

No âmbito teórico da arquitetura e do urbanismo – explorados com profundidade por Jacobs (2009), Venturi (1995), Venturi, Scott Brown & Izenour (2003), Rossi (2001) e Frampton (1983), por exemplo – as críticas à prática modernista pontuaram questões como o excesso de racionalismo, o exagero das grandes escalas, a negligência com as especificidades locais e a falta de simbolismos, despertando o interesse por novas formas de pensar a arquitetura e pela reaproximação desta disciplina com as artes. Por sua vez, no contexto político-econômico, a reestruturação econômica global – abordada por Borja & Castells (1996), Borja & Forn (1996), Harvey (1996), Castells (1999) e Compans (1999), entre outros – requereu uma nova forma de planejamento urbano, dito estratégico, que visa a obtenção de recursos para a cidade, a fim de atrair mais investimentos e consumidores.

Enquanto os debates internos levaram ao surgimento de novas correntes de pensamento sobre a arquitetura, a reconfiguração do mercado internacional, ditada pelo espaço econômico dos fluxos, impôs aos edifícios icônicos o papel de objetos de consumo, a partir dos quais as cidades poderiam ser projetadas além das fronteiras. Dessa maneira, na corrida urbana por destaque nas redes globais, o capital passou a financiar as ideias derivadas das discussões teóricas no âmbito da arquitetura e do urbanismo – com ênfase nos avanços tecnológicos e na exaltação das características locais – como estratégia de diferenciação diante da concorrência, bem como de demonstração de sua consonância com a globalização.

Os projetos patrocinados dentro dessa lógica mercantil tornaram-se conhecidos como “de grife” em virtude de ofertarem exclusividades para seus investidores e usuários. As inovações manifestam-se nas formas esdrúxulas, nos materiais utilizados para conferir cores, texturas e subjetividade aos volumes, além das tecnologias empregadas durante os processos criativo e de execução. Uma vez que as tenham incorporado, os edifícios garantem aos seus administradores a apreensão de rendas diferenciadas, provenientes da exploração financeira dessas características de monopólio. Mais do que espaços, a arquitetura icônica preocupava-se em proporcionar experiências únicas, idealizadas por escritórios também peculiares.

* Lorena Petrovich Pereira de Carvalho é Arquiteta e Urbanista, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-0161-9668>>.

Inserindo-se nos estudos acerca desse nicho, este artigo visa discutir dados levantados sobre arquitetos responsáveis pelo mesmo, a fim de auxiliar na compreensão das relações entre o grupo e o contexto no qual desenvolvem suas atividades. Para tanto, está pautado na análise das experiências de 50 nomes da arquitetura contemporânea, correspondentes a 37 escritórios (vide Quadro 1), para os quais foram investigados aspectos da formação acadêmica e da atuação profissional, bem como da participação em concursos de projetos e da aquisição de importantes prêmios na área de arquitetura. Contudo, mostra-se pertinente, a princípio, fazermos uma caracterização geral, proporcionada pela seleção dos personagens.

Quadro 1: Escritórios e arquitetos selecionados para compor a pesquisa. Fonte: elaboração da autora, 2019.

ESCRITÓRIO	ARQUITETO(A)	IDADE	NACIONALIDADE
Adrian Smith + Gordon Gill Architecture	Adrian Smith	87	Americano(a)
aLL Design	Will Alsop	73	Americano(a)
Arata Isozaki & Associates	Arata Isozaki	51	Chileno(a)
Arquitecto Álvaro Siza Vieira	Alvaro Siza Vieira	85	Português(a)
Ateliers Jean Nouvel	Jean Nouvel	87	Japonês(a)
Aterlier Christian de Portzamparc / 2Portzamparc	Christian de Portzamparc	74	Suíço(a)
Bernard Tschumi Architects	Bernard Tschumi	43	Dinamarquês(a)
Bjarke Ingels Group (BIG)	Bjarke Ingels	NI	NI
Coop Himmelb(l)au	Wolf D. Prix	91	Argentino(a)
David Chipperfield Architects	David Chipperfield	54	Americano(a)
Diller Scofidio + Renfro (DS+R)	Elizabeth Diller	74	Francês(a)
	Ricardo Scofidio	57	Americano(a)
	Charles Renfro	72	Polonês(a)
Eisenman Architects	Peter Eisenman	64	Britânico(a)
Elemental	Alejandro Aravena	64	Polonês(a)
Foster + Partners	Norman Foster	89	Canadense
Frank O. Gehry & Associates	Frank Gehry	63	Americano(a)
Herzog & de Meuron	Jacques Herzog	52	Holandês(a)
	Pierre de Meuron	68	Suíço(a)
Kohn Pedersen Fox Associates (KPF)	A. Eugene Kohn	72	Francês(a)
	William Pedersen	70	Malaio(a)
	Sheldon Fox	NI	Americano(a)
Moneo Brock	Rafael Moneo	60	Norueguês(a)
Morphosis Architects	Thom Mayne	NI	NI
MVRDV	Winy Maas	74	Italiano(a)
	Jacob Van Rijs	60	Turco(a)
	Nathalie de Vries	53	Holandês(a)
Office for Metropolitan Architecture (OMA)	Rem Koolhaas	83	Britânico(a)
Paul Andreu Architecte	Paul Andreu	NA	Francês(a)
Pelli Clarke Pelli Architects	César Pelli	85	Americano(a)
Rafael Viñoly Architects	Rafael Viñoly	68	Suíço(a)

ESCRITÓRIO	ARQUITETO(A)	IDADE	NACIONALIDADE
Renzo Piano Building Workshop (RPBW)	Renzo Piano	81	Espanhol(a)
Richard Rogers Partnership (RRP)	Richard Rogers	74	Uruguaio(a)
Santiago Calatrava Architects & Engineers	Santiago Calatrava	73	Holandês(a)
Shigeru Ban Architects	Shigeru Ban	80	Italiano(a)
Skidmore, Owings & Merrill LLP (SOM)	Gary Haney	83	Americano(a)
	Mustafa K Abadan	85	Britânico(a)
	Leo Chow	67	Espanhol(a)
	Scott Duncan	NI	NI
	Kent Jackson	NA	Americano(a)
Snøhetta	Brian Lee	60	Japonês(a)
	Kjetil Tjørdal Thorsen	76	Japonês(a)
Studio Fuksas	Craig Dykers	74	Americano(a)
	Massimiliano Fuksas	60	Britânico(a)
Studio Libeskind	Daniel Libeskind	77	Japonês(a)
T. R. Hamzah & Yeang Sdn. Bhd.	Ken Yeang	NA	Britânico(a)
Tadao Ando Architects & Associates	Tadao Ando	80	Americano(a)
Toyo Ito Associats, Architects	Toyo Ito	59	Holandês(a)
WKK Architects	Tom Wright	75	Austriaco(a)
Zaha Hadid Architects	Zaha Hadid	NA	Iraquiano(a)

Quadro 1 (continuação): Escritórios e arquitetos selecionados para compor a pesquisa. Fonte: elaboração da autora, 2019.

Conforme demonstram as informações acima, há a predominância indiscutível de profissionais do gênero masculino, com 47 representantes, e a tímida participação de 03 mulheres. Em relação à faixa etária, podemos constatar uma maioria de indivíduos acima dos 60 anos de idade – correspondendo a 36 dos 50 profissionais. E, no que diz respeito à nacionalidade dos profissionais, observamos uma grande variedade. Tendo identificado a origem de 47 deles, encontramos 20 procedências distintas. Os Estados Unidos destacam-se como a nação do maior número de arquitetos, seguido pelos britânicos, japoneses e holandeses. No entanto, na análise sob o viés continental, a Europa lidera o *ranking*, sendo berço de 26 deles, enquanto a América aparece em segundo lugar, com 14.

Formação Profissional

A primeira análise relacionada à formação dos profissionais diz respeito à graduação em arquitetura: onde ocorreu e o ano de conclusão. No que tange às instituições, destaca-se que: (1) foi possível identificá-las para todos os casos aplicáveis; (2) para alguns arquitetos, identificamos mais de uma instituição no período de graduação, em virtude de transferências e/ou complementações. Sendo assim, constatamos 60 registros de passagem por 35 instituições, para 48 dos profissionais pesquisados – os outros 02 não possuem graduação em arquitetura, sendo Tadao Ando um autodidata e Gary Haney graduado em outro curso.

Conforme o levantamento, é possível afirmar que: (1) as instituições identificadas são importantes no âmbito da arquitetura, nacional ou internacionalmente; (2) não existe domínio claro na formação desses profissionais por parte de uma universidade; (3) apesar disso,

a *Architectural Association School of Architecture* formou o maior número de arquitetos, apresentando 07 alunos; (4) *Cornell University* e *The Cooper Union* aparecem em segundo lugar, com 04 alunos, cada; (5) o terceiro lugar é compartilhado por 04 instituições, que tiveram 03 alunos, cada – *Delft University of Technology*, *École Nationale des Beaux-Arts*, *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* e *Swiss Federal Institute of Technology*.

É válido atentarmos para o fato de que, dentre as 35 instituições mencionadas, 16 são americanas. Na sequência, aparecem 03 italianas e inglesas, 02 holandesas, austríacas e argentinas e 01 francesa, portuguesa, espanhola, chilena, suíça e japonesa. Nesse cenário, as 16 universidades estadunidenses acumulam 25 registros de alunos do *star system*. Considerando que apenas 11 profissionais da pesquisa têm origem nos Estados Unidos, é possível estimar que indivíduos de outras nacionalidades tenham estudado no país durante a graduação.

Outro quesito relativo à graduação diz respeito ao ano em que ocorreu. Nesse âmbito, coletamos informações referentes a 42 dos profissionais pesquisados, sendo 02 casos não aplicáveis – Tadao Ando e Gary Haney, pelos mesmos motivos explicados no quesito anterior. O Quadro 2 ilustra o resultado obtido: predomínio de profissionais

Quadro 2: Ano de formação.
Fonte: elaboração da autora, 2019.

GRADUAÇÃO	ARQUITETO(A)	GRADUAÇÃO	ARQUITETO(A)
1953	A. Eugene Kohn	1975	Jaques Herzog
	Sheldon Fox		Pierre de Meuron
1954	Arata Isozaki	1977	David Chipperfield
	Frank Gehry		Zaha Hadid
1955	Álvaro Siza Vieira	1979	Elizabeth Diller
	Peter Eisenman		Thom Mayne
1959	Richard Rogers	1982	Mustafa K. Abadan
1960	Ricardo Scofidio		Shigeru Ban
1961	Norman Foster	1983	Tom Wright
	Paul Andreu	1985	Craig Dykers
	Rafael Moneo	1992	Alejandro Aravena
1964	Renzo Piano	1993	Kent Jackson
1968	Rafael Viñoly	1994	Scott Duncan
	Wolf D. Prix	1999	Bjarke Ingels
1969	Adrian Smith	NA	Gary Haney
	Bernard Tschumi		Tadao ando
	Christian de Portzamparc	NI	Brian Lee
	Massimiliano Fuksas		César Pelli
	Toyo Ito		Charles Renfro
1970	Daniel Libeskind	Jacob Van Rijs	
1972	Jean Nouvel	Kjetil Tjørdal Thorsen	
	Ken Yeang	Leo Chow	
	Rem Koolhaas	Nathalie de Vries	
1973	Will Alsop	William Pedersen	
1974	Santiago Calatrava	Winy Maas	

graduados entre as décadas de 60 e 70, totalizando 24 profissionais do quadro geral; em segundo lugar, os formandos da década de 50 – com apenas 07 formandos; e, por fim, os graduados em 80 e 90.

Além da arquitetura, também buscamos por possíveis formações complementares. A princípio, imaginávamos encontrar muitos cursos, principalmente relacionados às engenharias e às artes. No entanto, fomos surpreendidos pela baixa expressividade. Apenas 05 profissionais (10%) manifestaram essa informação: Frank Gehry com planejamento urbano; Paul Andreu e Santiago Calatrava formados em engenharia; Gary Haney graduado em *environmental design*; e Zaha Hadid, em matemática. Cabe lembrar, no entanto, que o caso de Gary Haney não se trata de um segundo curso, mas sim de sua formação principal. Ainda nesse quesito, também atentamos para cursos de pós-graduação, sem restrição a *stricto sensu* ou *lato sensu*. Detectamos que a maioria não apresenta qualquer que seja o título, alcançando os seguintes índices: 17 profissionais apresentaram algum curso de pós-graduação, enquanto 33 deles não cursaram. Aqueles que têm uma pós-graduação totalizam 21 títulos – 02 não especificados, 14 mestrados, 03 doutorados/PhD e 01 especialização.

O penúltimo item explorado nas questões de formação se confunde com a atuação. As experiências de docência, ao passo que são uma forma de prática profissional, têm potencial de influenciar o pensamento dos arquitetos e, por isto, foi alocada na análise da formação. Defende-se este ponto de vista pelo entendimento do ambiente universitário como um espaço de debates, em que, não só as trocas, mas também a produção de conhecimento é constante. Parece-nos coerente dizer que o *star system*, em permanente busca por novas soluções, utilize-se da discussão acadêmica para fortalecer seu trabalho. Por outro lado, a academia também se beneficia dessa relação, tendo os *starchitects* como objeto de projeção mercadológica. Com isso, melhora seus *rankings* e atrai alunos, pesquisas e investimentos.

Corroborando com a ideia anunciada, a pesquisa mostrou que pelo menos 31 dos integrantes (62% do grupo) já exerceram a docência. A esse número, correspondem 124 registros de passagem por 57 instituições de ensino, com destaque, mais uma vez, para as escolas americanas: elas somam 24, enquanto as japonesas – em segundo lugar – totalizam 07, e as 26 restantes estão distribuídas em 12 países. Além disso, as três instituições que mais receberam personagens desta pesquisa também são americanas: *Harvard University* (16), *Columbia University* (11) e *Yale University* (8), respectivamente.

Por fim, investigamos as relações de tutoria entre profissionais. Foram considerados tutores os arquitetos de renome que tenham sido professores ou chefes dos membros desta pesquisa – em estágio ou experiências prévias à abertura do próprio escritório. Identificamos, assim, 47 tutores para 26 arquitetos, mas, apesar das muitas ocorrências, não é possível afirmar que as relações de tutoria são uma regra para o grupo estudado. Ademais, é curioso observar que pelo menos 08 nomes da lista que embasa este estudo foram tutores de seus colegas: Arata Isozaki, Bernard Tschumi, Norman Foster, Peter Eisenman, Ricardo Scofidio, Richard Rogers, Rem Koolhaas e o escritório SOM.

Atuação Profissional

Antes de nos debruçarmos sobre os escritórios atuais destes arquitetos, convém verificarmos suas experiências prévias: períodos trabalhados para outras firmas ou antigas sociedades, que podem ser lidos como momentos de experimentação e/ou amadurecimento profissional. Nesse âmbito, detectamos informações referentes a 27 profissionais, mas não seria correto afirmar que os demais não estabeleceram esse tipo de prática. Em alguns casos, a não identificação pode ter se dado apenas pela carência da informação em nossas fontes. Aos referidos, correspondem 50 vivências preliminares, classificadas, segundo o tipo de vínculo, em: (1) *sócio*, quando se tratava de escritório próprio; (2) *colaborador*, quando integrava o quadro de arquitetos, independentemente da função desempenhada; (3) *aprendiz*, para os casos de estágios. As incidências foram de 32, 15 e 03 casos, respectivamente.

Feito isto, foquemos nos escritórios atuais. Conforme menção anterior, os 50 profissionais em estudo distribuem-se em 37 empresas, as quais surgiram ao longo dos últimos 90 anos – vide Quadro 3.

Conforme exposto acima, as décadas de 70 e 80 assistiram à fundação da maior parte dos escritórios, seguidas pelos anos 60. Este fato se mostra interessante quando lembramos que a formação dos arquitetos predominou entre as décadas de 60 e 70, seguidas pela década de 50, pois tal proximidade nos sugere uma possível tendência à consolidação dos escritórios durante a primeira década de formação. Nessa análise,

Quadro 3: Ano de fundação dos escritórios. Fonte: elaboração da autora.

ANO	ESCRITÓRIO	ANO	ESCRITÓRIO
1936	SOM	1981	Santiago Calatrava Architects & Eng.
1954	Arquitecto Álvaro Siza Vieira	1983	Bernard Tschumi Architects
1962	Frank O. Gehry & Associates		Rafael Viñoly Architects
1963	Arata Isozaki & Associates	1984	Eisenman Architects
1967	Foster + Partners	1985	David Chipperfield Architects
1968	Coop Himmelb(l)au		Shigeru Ban Architects
1969	Tadao Ando Architects & Associates	1989	Snøhetta
1972	Morphosis Architects		Studio Fuksas
1975	OMA		Studio Libeskind
	T. R. Hamzah & Yeang Sdn. Bhd.	1993	MVRDV
1976	KPF	1994	Ateliers Jean Nouvel
1977	Pelli Clarke Pelli Architects	2001	Elemental
	RRP	2005	BIG
1978	Herzog & de Meuron	2006	AS+GG
1979	Toyo Ito Associats, Architects	2011	aLL Design
	Zaha Hadid Architects	2013	WKK Architects
1980	Aterlier Christian de Portzamparc	NI	Moneo Brock
1981	DS+R		Paul Andreu Architecte
	RPBW		

NI = Não Identificado

cabe observarmos que: (1) há uma lacuna na década de 40; (2) o escritório mais antigo é o SOM, cujo sucesso permanece mesmo décadas após o falecimento dos sócios-fundadores; (3) o escritório mais recente é WKK Architects, que conta com a experiência adquirida por Tom Wright durante anos de trabalho para a *Atkins* – uma das maiores empresas da construção civil a nível mundial.

Além da característica de serem empresas duradouras, as grifes arquitetônicas costumam dispersar-se em unidades pelo mundo para acompanhar de perto os principais polos da construção civil e, assim, manterem-se atuantes em diversas regiões. Para as 37 empresas analisadas, há 124 escritórios físicos, sendo o *Foster + Partners* o maior detentor de espaços, com 12. Em sequência, o *SOM* apresenta 10 unidades, enquanto o *Coop Himmelb(l)au* e o *Rafael Viñoly Architects* dispõem de 09, cada um. As 122 unidades cuja localização pôde ser estão em 49 cidades das Américas do Sul e Norte, Europa, Ásia e Oceania (Quadro 4); o maior número de escritórios está em Nova Iorque e Londres – 17 e 13, respectivamente –, seguidas por Paris e Xangai, ambas com 08; (3) 09 cidades concentram 60% das sedes e subsedes e os outros 40% estão distribuídos entre 40 cidades (Gráfico 1).

Quadro 4: Escritórios por cidade.
Fonte: elaboração da autora, 2019.

CIDADE	Nº DE ESCRIT.	CIDADE	Nº DE ESCRIT.
Chicago	03	Baku	01
Cupertino	01	Barcelona	02
Los Angeles	02	Basel	01
New Heaven	01	Berlim	02
Nova Iorque	17	Copenhague	01
Palo Alto	01	Frankfurt	01
Saint Louis	01	Gênova	01
São Francisco	04	Horsham	01
Washington	01	Innsbruck	01
Buenos Aires	02	Londres	13
Santiago	01	Madri	02
Abu Dhabi	04	Manchester	01
Ampang	01	Milão	02
Bangkok	01	Oslo	01
Caldecott Close	01	Paris	08
Chongqing	01	Porto	01
Doha	02	Roma	01
Dubai	03	Rotterdam	02
Hong Kong	06	Viena	01
Mumbai	01	Zurique	01
Osaka	01	Brisbane	01
Pequim	06	Melbourne	01
Seul	01	América do Norte	
Shenzen	01	América do Sul	
Singapura	01	Ásia	
Tóquio	04	Europa	
Xangai	08	Oceania	

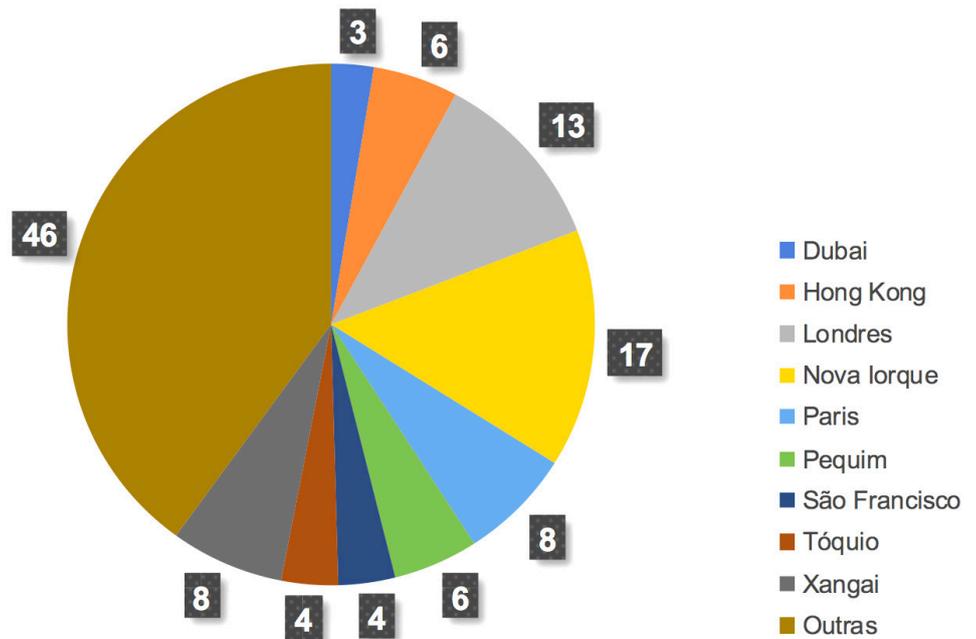


Gráfico 1: Concentração de escritórios por cidade. Fonte: elaboração da autora, 2019.

Aqui, novamente, um fato nos chama a atenção. Durante a discussão das experiências de docência, constatamos o predomínio de instituições americanas e, agora, vemos que 17 escritórios estão presentes somente na cidade de Nova Iorque. A alta incidência de ensino em universidades americanas, somada ao grande número de escritórios presentes no país, portanto, nos parece ser um ponto comum. Seriam esses escritórios liderados pelos mesmos arquitetos que ensinam nas universidades estadunidenses?

Dentre as 19 empresas presentes nos Estados Unidos através de sede ou subsele, apenas 03 não tiveram nenhuma relação de docência identificada no país. Por sua vez, dos 18 escritórios sem endereço em solo americano, somente 07 têm relação de docência estabelecida no país. Em termos percentuais, significa que, no primeiro grupo, o índice de presença nas universidades americanas aproxima-se de 84% e, no segundo, cai para 38%. Ou seja, os quantitativos corroboram para cremos que há sim uma relação entre a proximidade da empresa com as instituições de ensino e o estabelecimento do vínculo de docência entre seus sócios e as mesmas.

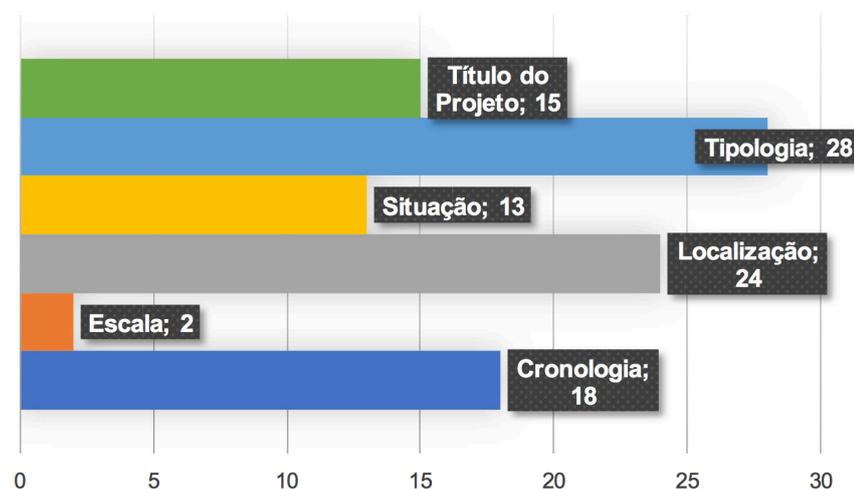
Ao passo que tivemos tal constatação, outros dados demonstram que essa relação não se consolida como regra. Há vários arquitetos com passagem pela docência em universidades de países diferentes, tanto fora da rota de seus endereços físicos, quanto em mais de uma nação. Álvaro Siza Vieira, cujo único escritório está na cidade do Porto (Portugal), já lecionou nos Estados Unidos, Colômbia e Suíça; Daniel Libeskind, com seu estúdio estabelecido em Nova Iorque e Zurique, já foi docente na Alemanha e nos Estados Unidos; e Massimiliano Fuksas, com empresa em Roma, Paris e Shenzhen, desenvolveu atividade de ensino em solo americano, francês, austríaco e alemão.

Esses “intercâmbios” tornam-se viáveis por alguns motivos. Primeiramente, os avanços tecnológicos, especialmente nas últimas décadas, proporcionam cada vez mais velocidade no transporte de matéria e no fluxo de informações, permitindo que o docente não resida no mesmo local em que dá aula. A depender do caso, ele pode se deslocar de uma cidade (ou país) para outra, a fim de realizar suas atividades, ou estabelecer contato via videoconferência e ministrar aulas à distância. Em segundo lugar, as diversas modalidades de ensino universitário possibilitam que os arquitetos de grife participem desse universo através de cursos especiais, de curta duração, que não exigem longa permanência na instituição.

A abrangência da atuação destes profissionais também se dá (e principalmente) em termos projetuais. A análise dos portfólios virtuais dos mesmos, quando existentes, nos permite compreender quais as chaves de busca disponibilizadas aos visitantes, as categorias segundo as quais os projetos são distribuídos e os países que são alcançados pelos projetos de cada empresa (construídos ou não). Nesse sentido, apenas 05 escritórios ficaram à parte desta análise: os de Alejandro Aravena, Álvaro Siza Vieira e Frank Gehry, pela inexistência de um portfólio virtual; o de Ken Yeang, por limitar-se a expor uma dúzia de projetos selecionados, que inviabiliza a leitura geral e pode deturpar os resultados; e o de Tadao Ando, cujas informações não puderam ser compreendidas, em virtude da falta de domínio sobre a língua japonesa.

Em relação às chaves de busca, percebemos a existência de um padrão em todos os *sites*, uma vez que elas estão limitadas a 05 tipos recorrentes (cronologia, localização, situação – ou *status* do projeto –, tipologia e título do empreendimento) e 01 exceção (a escala, ofertada pelo BIG e Zaha Hadid, apenas). Dentro desse padrão, a variação se dá pelas combinações e quantidades disponíveis em cada portfólio. A incidência delas é apresentada no Gráfico 2, no qual notamos que: (1) a *tipologia* é a chave de busca mais eficiente para as estratégias dos escritórios, visto que aparece em 28 dos 32 casos; (2) por sua vez, a *situação* dos projetos não tem tanta relevância para o padrão de consultas, visto que apenas 12 portfólios dispõem essa ferramenta.

Gráfico 2: Incidência por chave de busca. Fonte: elaboração da autora, 2019.



De maneira semelhante, as categorias tipológicas também parecem seguir um padrão, mesmo que a redação para indicá-las não seja sempre a mesma. Ou seja, por mais que os termos empregados variem entre os portfólios, geralmente designam equipamentos residenciais, corporativos, comerciais, culturais, educacionais, de uso misto, religiosos, esportivos e de infraestrutura, acrescidos ou não de categorias diferenciadas. O que nos chama a atenção, a princípio, é a quantidade de grupos apresentados pela maioria dos portfólios. Há extremos, como o *RPBW*, que dispõem de mais classificações, totalizando 26, e, em contrapartida, como Santiago Calatrava, sintetizando seu catálogo em apenas 03 tipos.

Contudo, o montante final pode ser considerado alto: 347 categorias disponíveis em 30 sites, representando uma média entre 11 e 12 tipos por portfólio. Apesar das variações, a observação e contabilização dessas classes adotadas pelo *star system* são mais uma confirmação da abrangência do trabalho realizado, no sentido de não serem empresas dedicadas a um tipo exclusivo de projeto, mas escritórios que lidam com toda a diversidade. A despeito disso, é provável que haja alguma especialidade ou demanda que lidere os números da empresa, em quantidade e honorários, contudo não foi possível verificar esse dado em nosso estudo.

No segundo momento, também constatamos que o grande diferencial delatado pelo levantamento dos tipos de projetos com os quais o *star system* lida é a incidência de categorias como infraestrutura, equipamentos culturais, projetos urbanos, *design* de produtos e exposições, em que observamos uma predileção por projetos assinados pelos *starchitects* em virtude do valor agregado que representam. Isso porque as três primeiras englobam as intervenções de grande escala, intimamente relacionadas às estratégias de divulgação das cidades no âmbito internacional, tendo em vista que exercem influências sobre diversos setores e geram ampla repercussão. E as duas últimas, por sua vez, consolidam-se como áreas de atuação que extrapolam o mercado da arquitetura.

A espacialização dos projetos, último item sobre a atuação profissional, é outro indicador do alcance dos trabalhos em questão. Averiguamos a localização dos projetos dos 31 escritórios que nos possibilitaram essa observação e registramos uma média de 24 a 25 países atendidos por empresa. De acordo com o exposto no Quadro 5, o *Zaha Hadid Architects* é o escritório que concebeu projetos para o maior número de países (43), seguido pelo *OMA* (40), *KPF* e *Foster + Partners* (39).

O somatório totaliza 761 apontamentos se projetos concebidos pelos 31 escritórios citados. Tais registros incidem em 112 países (Quadro 6), acrescidos de uma proposta para o *espaço*. Os 10 países mais presentes no radar dos escritórios das grifes contemporâneas são, respectivamente: (1) Estados Unidos e Reino Unido, empatados; (2) Alemanha, China, França e Japão, em segundo lugar; (3) Itália; (4) Espanha; (5) Holanda; e (6) Suíça. Dentre estes, 08 coincidem com a origem dos arquitetos (Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Japão, Itália, Reino Unido e Suíça), e 05 coincidem com as maiores concentrações de sedes e subsedes das empresas (China, Estados Unidos, França, Japão e Reino Unido).

ESCRITÓRIO	PAÍSES ALCANÇADOS
Zaha Hadid Architects	43
Office for Metropolitan Architecture (OMA)	40
Foster + Partners	39
Kohn Pedersen Fox Associates (KPF)	39
MVRDV	37
Skidmore, Owings & Merrill LLP (SOM)	37
Ateliers Jean Nouvel	35
Bjarke Ingels Group (BIG)	35
Shigeru Ban Architects	35
Paul Andreu Architecte	33
Snøhetta	28
Coop Himmelb(l)au	26
Studio Libeskind	25
Herzog & de Meuron	24
Arata Isozaki & Associates	23
Diller Scofidio + Renfro (DS+R)	22
Morphosis Architects	22
Renzo Piano Building Workshop (RPBW)	22
Santiago Calatrava Architects & Engineers	21
Pelli Clarke Pelli Architects	20
Richard Rogers Partnership (RRP)	19
WKK Architects	18
David Chipperfield Architects	17
Bernard Tschumi Architects	16
Adrian Smith + Gordon Gill Architecture	15
Studio Fuksas	15
Eisenman Architects	14
Toyo Ito Associats, Architects	12
aLL Design	10
Aterlier Christian de Portzamparc	10
Rafael Viñoly Architects	09

Quadro 5: Ranking de países alcançados por escritório. Fonte: elaboração da autora, 2019.

PAÍS	Nº REG.	PAÍS	Nº REG.	PAÍS	Nº REG.
África do Sul	03	EUA	28	Nepal	01
Albânia	04	Estônia	01	Nigéria	01
Alemanha	26	Filipinas	06	Noruega	06
Andorra	01	Finlândia	07	Nova Zelândia	01
Arábia Saudita	11	França	26	Omã	01
Argélia	01	Gâmbia	01	Panamá	01
Argentina	07	Gana	01	Paquistão	01
Austrália	18	Geórgia	03	Peru	01
Áustria	14	Grécia	06	Polônia	08
Azerbaijão	04	Groelândia	02	Portugal	08
Bahamas	01	Guatemala	03	Quênia	04
Bahrein	03	Guiné	01	Quirguistão	01
Bangladesh	01	Holanda	23	Reino Unido	28
Bélgica	16	Hungria	03	Rep. Africana Central	01
Bósnia Herz.	01	Índia	14	República Dominicana	01
Brasil	13	Indonésia	08	República Tcheca	05
Brunei	01	Irã	02	Romênia	01
Bulgária	01	Iraque	02	Rússia	14
Camboja	02	Irlanda	06	San Marino	01
Canadá	19	Islândia	02	Singapura	17
Catar	10	Israel	07	Sri Lanka	02
Cazaquistão	10	Itália	25	Suazilândia	01
Chile	06	Iugoslávia	01	Sudão	02
China	26	Japão	26	Suécia	09
Chipre	04	Jordânia	02	Suíça	22
Colômbia	04	Kosovo	01	Tailândia	06
Coréia do Sul	18	Kwait	05	Taiwan	14
Croácia	02	Letônia	01	Tajiquistão	01
Cuba	01	Líbano	10	Tanzânia	02
Dinamarca	12	Líbia	01	Tunísia	01
Egito	07	Lituânia	03	Turquia	09
Em. Árabes	21	Luxemburgo	05	Ucrânia	01
Equador	03	Malásia	12	Uganda	01
Escócia	04	Malta	02	Uruguai	01
Eslováquia	02	Marrocos	09	Venezuela	01
Eslovênia	01	Maurícia	01	Vietnã	07
Espaço	01	México	17	Zimbábue	01
Espanha	24	Montenegro	02		

Quadro 6: número de escritórios que conceberam projetos em cada país. Fonte: elaboração da autora, 2019.

Concursos

A participação em concursos é um aspecto bastante comentado acerca do *star system*. Ao acompanhar portais e/ou revistas eletrônicas dedicadas ao universo da arquitetura, percebemos que a veiculação de notícias referentes ao tema se dá com certa frequência e, não raro, os vencedores são alguns dos escritórios aqui explorados. Preocupamo-nos, portanto, em contemplar também este item, buscando conhecer qual o perfil dessas concorrências, a partir da identificação do contexto em que elas ocorrem (o objetivo do concurso, os participantes e o vencedor).

Analisamos 29 concursos para os quais foi possível acessar os dados pretendidos e, conforme imaginávamos, as informações coletadas corroboram para confirmar a ideia de que os *starchitects* concorrem entre si, mas nem sempre exclusivamente. Competições como as do *Museu Guggenheim Bilbao* (1992) e do *Tate Modern* (1994) são exemplos de casos que ficaram restritos a escritórios dos mais renomados, enquanto episódios mais recentes, como o do *Vanke Headquarters* (2018), indicam maior participação de empresas menos conhecidas nessas disputas.

Quadro 7: Participação em concursos. Fonte: elaboração da autora, 2019.

CONCURSO	ANO	CONCORRENTES (Vencedor)
Parc de La Villette	1983	Bernard Tschumi Architects
		Bureau B+B
		Ateliers Jean Nouvel
		OMA
		Richard Meier & Partners Architects
		Zaha Hadid architects
Museu Guggenheim Bilbao	1992	Arata Isozaki & Associates
		Coop Himmelb(l)au
		Gehry Partners, LPP
Tate Modern	1995	David Chipperfield Architects
		OMA
		RPBW
		Tadao Ando Architect and Associates
		Herzog & de Meuron
		Rafael Moneo Arquitecto
Millennium Bridge	1996	Foster + Partners, Arup e Anthony Caro
		Gehry Partners e Richard Serra
		McDowell + Benedetti
		Niels Gimsing e George Rotne
		Studio E(Cezary Bednarki), Dewhurst Macfarlane e Peter Fink
		Ushida Findally Partnership e Dewhurst Macfarlane
French Embassy Berlin	1997	Atelier Christian de Portzamparc
		Ateliers Jean Nouvel
Casa da Música	1999	Dominique Perrault Architecture
		Foster + Partners
		Peter Zumthor Architecture
		Rafael Moneo Arquitecto
		Rafael Viñoly Architects
		OMA
Toyo Ito Associates, Architects		
Florence High Speed Railway Station	2002	Arata Isozaki & Associates
		Carlos Ferrater
		Foreign Office Architects (FOA)
		Foster + Partners e Arup
		Francesco Cellini
		Gerkan, Marg & Partners
		Gruppo Toscano
		Ricci & Spaini
		Santiago Calatrava Architects & Eng.
		Zaha Hadid Architects

CONCURSO	ANO	CONCORRENTES (Vencedor)	
World Trade Center	2003	Frederic Schwartz Architects	
		Ken Smith Workshop	
		Studio Libeskind	
		Rafael Viñoly Architects	
		Shigeru Ban Architects	
Les Halles		Ateliers Jean Nouvel	
		MVRDV	
		OMA	
		SEURA Architectes	
Centre Pompidou Metz		Shigeru Ban Architects + Jean de Gastines Achitectes + Gumuchdjan Architects	
		Stéphane Maupin + Pascal Cribier	
		Dominique Perrault Architecture	
		Nox Architekten	
		Foreign Office Architects (FOA) + uapS	
		Herzog & de Meuron	
High Line	2004	James Corner Field Operations, DS+R e Piet Oudolf	
	Steven Holl Architects, Hargreaves Associates e HNTB;		
	TerraGRAM: Michael Van Valkenburgh Associates, D.I.R.T Studio e Beyer Blinder Belle		
	Zaha Hadid Architects, Balmori Associates, SOM LLP e Studio MDA		
Salesforce Tower	2007	Pelli Clarke Pelli Architects	
		RRP	
		SOM	
Casarts	2009	Aziz Lazrak	
		Atelier Christian de Portzamparc	
		Gehry Partner, LPP	
		OMA	
		Zaha Hadid Architects	
Museu da Imagem e do Som		Bernardes + Jacobsen Arquitetura	
		Brasil Arquitetura	
		Studio Libeskind	
		DS+R	
		Isay Weinfeld	
	Shigeru Ban Architects		
425 Park Avenue	2012	Tacoa Arquitetos	
		Foster + Partners	
		OMA	
		RRP	
		Zaha Hadid Architects	
		Natural History Museum	BIG
			David Chipperfield Architects
			Kengo Kuma and Associates
			Lundgaard & Tranberg
			Snøhetta
Miami Beach Convention Center Master Plan	Steven Holl Architects		
	BIG		
	OMA		
		Tishman Speyer	

Quadro 7 (continuação): Participação em concursos. Fonte: elaboração da autora, 2019.

CONCURSO	ANO	CONCORRENTES (Vencedor)	
Museu de Cultura Visual	2013	Herzog & de Meuron	
		Kazuyo Sejima + Ryue Nishizawa / SANAA	
		RPBW	
		Snøhetta	
		Shigeru Ban Architects + Thomas Chow Architects	
		Toyo Ito & Associates, Architects + Benoy Limited	
National Library of Israel		Ammar Curiel	
		Gehry Partners, LPP	
		Kimmel Eshkolot	
		Kolker Epstein	
		RPBW	
National Art Museum of China		Herzog & de Meuron	
	Gehry Partners, LPP		
	Ateliers Jean Nouvel		
	OMA		
	UNStudio		
Aeroporto Internacional da Cidade do México	Zaha Hadid Architects		
	2014	BGP (Bernardo Gómez Pimeta) e Gensler	
		Francisco López-Guerra (LOGUER), Francisco González-Pulido (JAHN) e Alonso de Garay (ADG)	
		Grupo Sordo Madaleno e Pascall + Watson	
		Legorreta e RRP	
		TEM Arquitectos, SOM e SENER	
		Teodoro Gonzáles de León e TAX (Alberto Kalach)	
		Zaha Hadid e Serrano Arquitectos	
Fernando Romero (FR-EE) e Foster + Partners			
Cité de La Musique	2017	2 Portzamparc	
		Bernard Tschumi Architects	
		BIG & Itten + Brechbühl AS	
		Brauen Wälchli Architects	
		Christ & Gantenbein AG	
		David Chipperfield Architects & Burckhardt + Partner	
		DS+R & EMA architectes associés	
		EM2N Mathias Müller Daniel Niggli Architekten AG	
		Foster + Partners	
		Inès Lamunière & Patrick Devanthery	
		João Luis Carrilho da Graça	
		Kengo Kuma & Associates	
		OMA	
		Pierre-Alan Dupraz & Gonçalo Byrne Arquitectos	
		RPBW & Atelier d'Architecture Jacques Bugna	
		Richter Dahi Rocha & Associés architects	
		Snøhetta	
		Anette Gigon & Mike Guyer	
		Museu do Holocausto	Adjaye Associates e Ron Arad Architects
			Allied Works
Anish Kapoor e Zaha Hadid Architects			
Caruso St John Architects, Marcus Taylor e Rachel Whiteread			
Diamond Schmitt Architects			
Foster + Partners e Michal Rovner; Heneghan Peng			
John McAslan + Partners e MASS Design Group			
Lahdelma & Mahlamäki Architects e David Morley Architects			
Studio Libeskind e Haptic			
San Pellegrino Flagship Factory	aMDL		
	BIG		
	MVRDV		
	Snøhetta		

Quadro 7 (continuação): Participação em concursos. Fonte: elaboração da autora, 2019.

CONCURSO	ANO	CONCORRENTES (Vencedor)
Chengdu Natural History Museum	2018	Nihon Sekkei
		Pelli Clarke Pelli Architects
		Studio Fuksas
		Sutherland Hussey Harris
		Valode & Pistre
		Zaha Hadid Architects
Gothenburg Cable Car	2018	BIG, Marks Barfield Architects, Burohappold, Gardiner & Theobald
		White Arkitekter AB, Guy Nordenson and Associates, DS+R, Zenit Design AB, Cowi AB, HR&A
		UNStudio, Kjellgren Kaminsky Architecture AB, Knippers & Helbig Berlin, Licht & Soehne
		Wilkenson Eyre, Cowi
Vanke Headquarters	2018	Miralles Tagliabue EMBT
		Morphosis Architects
		MVRDV
		Rocco Design Architects
		Schneider+Schumacher
		Shenzen Hauhui Design
		StaedteBauProjekte
		Wimberly Allison Tong & Goo Na
		WOHA Designs
		Adjaye Associates & BVN
Adelaide Contemporary	2018	BIG & JPE Design Studio
		David Chipperfield Architects & SJB Architects
		DS+R & Woods Bagot
		Hassell & SO-IL
		Khai Liew, Office of Ryue Nishizawa & Durbach Block Jagers
Southbank by Beulah	2018	BIG & Fender Katsalidis
		Coop Himmelb(l)au & Architectus
		MAD Architects & Elenberg Fraser
		MVRDV & Woods Bagot
		OMA & Conrad Gargett
		UNStudio & Cox Architecture

Quadro 7 (continuação): Participação em concursos. Fonte: elaboração da autora, 2019.

Apesar da lista obtida não esgotar a totalidade de concorrências do contexto tratado, é possível observar que a temática envolvida na maioria dos casos está relacionada a equipamentos públicos ligados ao lazer e à cultura, e que outra tipologia recorrente é a de infraestrutura de transportes, com estações de trem/metrô e aeroportos.

Premiações

Os aspectos levantados até o momento têm nos ajudado a compreender, em certa medida, quem são os profissionais do *star system* contemporâneo – em termos de características – e porque eles se diferenciam dos demais. Nesse sentido, optamos em trazer, como último item de análise, a questão das premiações recebidas, visto que troféus e medalhas são itens concedidos aos que se destacam de seus semelhantes quando avaliados sob determinado critério. Os arquitetos e escritórios contemplados nesta pesquisa colecionam inúmeros prêmios, decorrentes do conjunto da obra ou de projetos específicos, de maneira que se torna inviável proceder com o levantamento de todos os títulos.

Sendo assim, elegemos 05 importantes prêmios da arquitetura para verificar quais componentes desta pesquisa foram condecorados: (1) o *Pritzker Prize*; concedido anualmente a um arquiteto, ou mais, em vida, cujo trabalho demonstre talento, visão e comprometimento e gere contribuições para a humanidade; (2) a *Royal Gold Medal*, concedida pela rainha da Inglaterra em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido ao

longo da vida; (3) o *Praemium Imperiale*, concedido anualmente pela Associação de Artes do Japão; (4) o *AIA Gold Medal*, concedido pelo *American Institute of Architects*, que premia aqueles cuja obra deixa um legado para a teoria e a prática da arquitetura; (5) o *Golden Lion for Life Achievement*, concedido pela Bienal de Veneza, também pelo trabalho vitalício.

Ao final, identificamos 22 arquitetos premiados, segundo as seguintes incidências: (1) 17 *Pritzker Prizes*; (2) 14 *Royal Gold Medals*; (3) 13 condecorados com o *Praemium Imperiale*; (4) 7 adquiriram o *Golden Lion for Life Achievement*; (5) 9 foram premiados com o *AIA Gold Medal*. Além disso, observa-se que Frank Gehry e Renzo Piano acumulam os 5 prêmios referidos e outros 6 arquitetos possuem 4 destes prêmios. Vejamos a distribuição no Quadro 8, abaixo.

Quadro 8: Distribuição dos prêmios. Fonte: elaboração da autora, 2019.

ARQUITETO(A)	PRÊMIO	ANO	ARQUITETO(A)	PRÊMIO	ANO
Alejandro Aravena	PP	2016	Rem Koolhaas	PP	2000
Alvaro Siza Vieira	PP	1992		RGM	2004
	RGM	2009		PI	2003
	PI	1998		GL	2010
	GL	2012		PP	1998
Arata Isozaki	PP	2019	Renzo Piano	RGM	1989
	RGM	1996		PI	1995
César Pelli	AGM	1995		GL	2000
Christian de Portzamparc	PP	1994		AGM	2008
David Chipperfield	RGM	2011	Richard Rogers	PP	2007
	PI	2013		RGM	1985
Frank Gehry	PP	1989		PI	2000
	RGM	2000	GL	2006	
	PI	1992	Santiago Calatrava	AGM	2005
	GL	2008	Shigeru Ban	PP	2014
	AGM	1999	Tadao Ando	PP	1995
Herzog & de Meuron	PP	2001		RGM	1997
	RGM	2007		PI	1996
	PI	2007	AGM	2002	
Jean Nouvel	PP	2008	Thom Mayne	PP	2005
	RGM	2001		AGM	2013
	PI	2001	Toyo Ito	PP	2013
Norman Foster	PP	1999		RGM	2006
	RGM	1983		PI	2010
	PI	2002		GL	2002
	AGM	1994	PP	2004	
Peter Eisenman	GL	2004	Zaha Hadid	RGM	2016
Rafael Moneo	PP	1996	AGM = AIA Gold Medal GL = Golden Lion for Life Achievement PI = Praemium Imperiale	PP = Pritzker Prize RGM = Royal Gold Medal	2009
	RGM	2003			
	PI	2017			

O quesito de premiações parece coroar nossos resultados com a concentração de condecorações entre os personagens do estudo. Ao passo que, à primeira vista não seja atrativo dizer que temos 22 premiados – menos de 50% do nosso universo de estudo –, se pensarmos que eles concentram 59 títulos em apenas 05 dos maiores prêmios de arquitetura do mundo, o dado de torna mais atrativo. Nenhuma outra combinação de nomes nos traria resultado semelhante em quantidade e relevância das láureas, e esse é um dado que reafirma a expressividade das atividades desenvolvidas pelo grupo nas últimas décadas.

Considerações finais

Somando às discussões sobre a arquitetura contemporânea dita de grife, encontramos neste artigo informações que nos permitem relacionar o grupo de profissionais estudados e o contexto no qual se inserem, sob novas perspectivas. Transcendendo a capacidade de lidar com o ineditismo e dispor de recursos para viabilizá-los, os escritórios analisados demonstram sua aptidão para o mercado internacional por meio de estratégias de atuação que os qualificam tão universais quanto seus contratantes são, ou almejam ser, no que diz respeito a se fazerem presentes em diferentes lugares do mundo e a atenderem a um público abrangente.

Nesse sentido, pudemos verificar, por exemplo, o alto índice de sedes e subsedes que o *star system* possui atualmente: 124 espaços físicos, pertencentes a 37 escritórios, que resultam em uma média entre 3 e 4 unidades por empresa, com forte presença nas cidades globais – tendo Nova Iorque e Londres como líderes desse *ranking*. Quando abordamos a quantidade de países alcançados pelas propostas de projeto que constam nos portfólios, por sua vez, encontramos uma expressividade ainda maior. Nesse caso, a análise de 761 trabalhos realizados por 31 das grifes que compõem o estudo nos levou à identificação de 112 localidades, representando um número médio entre 24 e 25 nações atendidas por cada empresa, com destaque para os Estados Unidos e Reino Unido à frente das demais.

Na dinâmica de espraiamento global das grifes arquitetônicas, torna-se clara a tendência à concentração de mais projetos e escritórios pelas grandes potências econômicas e principais centros financeiros do mundo – imediatamente após os supracitados, incidem outras economias significativas, como China e Japão, algumas europeias e Emirados Árabes, que tem financiado diversas obras icônicas nos últimos anos. Esse fato evidencia a relação de retroalimentação entre a arquitetura de grife e as economias urbanas, na qual uma fortalece a outra a partir de intervenções sucessivas. No entanto, cabe destacarmos que, em uma conjuntura que valoriza as excepcionalidades, atuar em áreas marginalizadas pelo mercado internacional – em geral, situações com mais restrições orçamentárias ou de recursos materiais e tecnológicos – também se torna vantajoso para os profissionais, pois firma-se como uma tática de demonstração da sua versatilidade e abertura a desafios.

A abrangência da performance discutida aqui, porém, não está limitada ao seu alcance espacial. O levantamento acerca dos projetos elaborados por 30 escritórios nos mostrou que os portfólios do *star system* são, além de extensos em termos numéricos, diversos em relação aos tipos de edificações, especificamente no que diz respeito às funções desempenhadas por estas. Os portais eletrônicos consultados somam 347 categorias,

dentre as quais distribui-se a produção do grupo em estudo. Dessa maneira, encontramos a oferta média de 11 a 12 tipos distintos de equipamentos idealizados por cada uma das grifes arquitetônicas contemporâneas; um número representativo, que expressa a habilidade em lidar com um vasto leque de questões de projeto.

Diante das estratégias de negócios pertinentes ao contexto político-econômico em que elas se inserem, tamanha é a relevância de demonstrarem esses aspectos de suas atuações, que eles se transformam nas principais chaves de busca disponibilizadas pelos portais eletrônicos dos escritórios – canais oficiais de divulgação das atividades e notícias vinculadas aos mesmos, de alcance mundial. Em primeiro lugar na classificação por número de incidências, a pesquisa por projetos a partir da *tipologia* põe em evidência a polivalência do trabalho desenvolvido; na segunda posição, a listagem de projetos conforme o critério da *localização* destaca a amplitude geográfica das ações empreendidas; em terceiro, por sua vez, a disposição das concepções baseada na *cronologia* afirma a consistência temporal da produtividade – tendo em vista que lidamos com uma maioria de escritórios atuantes há quase 40 ou 50 anos.

Outra característica marcante na atuação do grupo é a participação em concursos. Por meio desta prática, disputam a autoria de projetos específicos – os quais, via de regra, exercem impacto considerável em uma determinada escala – e, por conseguinte, ganham visibilidade na área de influência do mesmo. Integrar tais concorrências, portanto, significa – mais do que buscar um novo contrato – empreender. Nessas ocasiões, além da oportunidade de inserção em novos mercados, o *star system* também encontra o espaço oportuno para testar a aceitação de soluções arrojadas, contando com riscos minimizados. Uma vez que a proposta não logre êxito, o prejuízo não resvala no cliente e a credibilidade do profissional não é ameaçada; do contrário, além de vencer, a solução “genial” é publicada em associação ao nome do autor, convertendo-se em *marketing* pessoal.

O comprometimento com a inovação é o que move esse nicho da arquitetura contemporânea e mantém vivo o prestígio alcançado pelos seus expoentes. Ao passo que autores como Arantes (2012), Foster (2017) e Jencks (2002), por exemplo, mencionam a existência de setores inteiramente dedicados à pesquisa dentro dos escritórios, nosso estudo acrescenta um dado que aponta a preservação do diálogo constante com o ambiente acadêmico, rico em debates e produção de conhecimentos que podem despertar as novas ideias. Dentre os 50 personagens que analisamos, identificamos que pelo menos 31 deles incorporam a docência em suas experiências, relacionando-se, em média, com 4 instituições universitárias diferentes – por vezes, localizadas em países distintos. Isso pode lhes garantir não somente o contato com as reflexões acerca da disciplina, mas, principalmente, a ampliação do campo de visão sobre diversas questões.

Provenientes de origens múltiplas – ao menos 20 nacionalidades – e sem apresentarem uniformidade clara no aspecto das instituições de ensino frequentadas durante a graduação, o fator que nos parece aproximar as experiências de formação profissional vivenciadas por esses arquitetos – pronunciado por meio da predominância do período e das ambiências em que se deram – é a influência exercida pelas discussões críticas ao modernismo na consolidação dos pensamentos que norteiam as respectivas atitudes. Conforme verificado, essas carreiras têm início a partir de 1950 – com ápice

de formandos entre os anos 60 e 70 – e acontecem, em sua maioria, nos Estados Unidos e na Europa, onde Ghirardo (2009) aponta terem surgido novas teorias de projeto durante a década de 1980.

À parte das discussões sobre os possíveis efeitos colaterais desencadeados pela arquitetura contemporânea de grife, o estudo reconhece o valor desta prática enquanto parâmetro para avaliar a ocorrência de um novo momento na profissão. Conforme apresentado, ele é compreendido como fruto de transformações no pensamento sobre a disciplina e também influenciado pela dimensão que a cultura do consumo adquiriu diante do mundo globalizado. Nesse ínterim, procuramos relacioná-lo à contextualização empreendida e, para tanto, recorreremos ao olhar sobre os profissionais e as respectivas produções, identificando atitudes que se configurem como respostas aos estímulos da conjuntura vivenciada.

Bryan Lawson (2011), ao discutir o processo de profissionalização do ato de projetar, aponta para o *arquiteto-artesão* à época em que um único indivíduo idealizava e realizava as obras, e indica o advento do *arquiteto-deseñhista* como desdobramento da Revolução Industrial, no início do século XIX, quando o desenho passou a desempenhar a função de transmitir informações entre projetista, cliente e executor. Tomando por referência essa discussão do autor, que admite o processo de projeto como reflexo do contexto social e cultural em que se trabalha, entendemos o perfil profissional do *star system* contemporâneo enquanto *arquiteto-empresendedor*, cuja atuação orientada para o mercado internacional o coloca em consonância com o seu tempo.

Nesse caso, a partir do momento em que o desenvolvimento tecnológico permitiu a dispensa dos desenhos de execução por meio da viabilização do fluxo contínuo entre *softwares* computacionais, e tendo em vista a dificuldade de acesso a esse método, em virtude dos custos envolvidos, o grupo restrito de profissionais que teve condições de trabalhar segundo esses moldes despontou no cenário mundial. As técnicas recentes, aliadas à disponibilidade de orçamento, minimizaram os obstáculos para suplantar novos limites na arquitetura e o contexto socioeconômico despertou para uma possibilidade de atuação que ainda não havia sido explorada, pelo menos com profundidade, pela área.

Referências bibliográficas

- ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura na era digital-financeira*. Desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Editora 34, 2012. 368 p.
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. "As cidades como atores políticos". *Novos Estudos Cebrap*, n. 45, 1996, p. 152-166.
- BORJA, Jordi; FORN, Manuel de. Política da Europa e dos Estados para as cidades. *Espaço & Debates*, ano XVI, n. 39, 1996. p. 32-47.
- CASTELLS, Manuel. O espaço de fluxos. In: _____. *A sociedade em rede*. Volume I. 8ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 467-522.
- COMPANS, R. O paradigma das *global cities* nas estratégias de desenvolvimento local. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Campinas, n. 1, 1999, p. 91-114.
- FOSTER, Hal. *O complexo arte-arquitetura*. São Paulo: UBU Editora, 2017. 288 p.

FRAMPTON, Kenneth. *Toward a critical regionalism. Six points for an architecture of resistance*. In: FOSTER, Hal. (ed.). *The anti aesthetic. Essays on postmodern culture*. Washington: Bay Press, 1983. p. 16-30. Disponível em: < <http://www.modernindenver.com/wp-content/uploads/2015/08/Frampton.pdf> >. Acesso em: 14 fev. 2018.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Espaço & Debates*, ano XVI, n. 39, 1996. p. 121-145.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 510 p.

JENCKS, Charles. *The new paradigm in architecture. The language of Post-Modernism*. Londres: Yale University Press, 2002. 279 p.

LAWSON, Bryan. *Como arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de textos, c2011. 296 p.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. 2. ed. São Paulo SP: Martins Fontes, 2001. 309 p.

VENTURI, Robert. *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 231p.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. *Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo esquecido da forma arquitetônica*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. 220 p.

Recebido [Jun. 05, 2019]

Aprovado [Set. 14, 2019]